

# O que é o Fascismo?

## Como dar-lhe combate?

*Por Leon Trotsky*

### Nota do Tradutor

A primeira compilação sob este título "FASCISMO -- O Que É e Como Combatê-lo" foi impressa por Pioneer Publishers em Agosto de 1944 e reimpressa em 1964. Uma compilação revista foi publicada em Abril de 1969. A presente tradução



portuguesa está conforme os ficheiros retirados da Internet em Maio de 1995.

Este Panfleto não tem copyright.

## Introdução à Edição de 1969

*Os liberais e mesmo aqueles que se consideram marxistas são culpados de usar, nos dias de hoje, a palavra fascista muito incorrectamente. Atiram-na à sua volta como um epíteto ou palavrão contra figuras direitistas que eles desprezam particularmente, ou contra os reaccionários em geral.*

*Vejamos, todos estes são fascistas, ou são-no apenas alguns? E se são só alguns, como é que se pode dizer quais os que são e os que não são?*

*O uso indiscriminado do termo realmente reflecte que o seu significado está vago. Quando se pede ao liberal que defina o termo, ele replica com termos como ditadura, neurose de massas, anti-semitismo, o poder da propaganda desonesta, o poder hipnótico de um orador genial e louco sobre as massas, etc. Impressionismo e confusão da parte dos liberais não é surpresa. Mas a superioridade marxista consiste na sua capacidade de analisar e diferenciar entre os fenómenos sociais e políticos.*

*O facto de tantos que se consideram marxistas não possam definir o fascismo de forma mais adequada que os liberais não é apenas por sua culpa. Tenham ou não consciência disso, muita da sua herança intelectual vem da social-democracia (socialistas reformistas) e do movimento estalinistas, que dominaram a esquerda nos anos 30, quando o fascismo ganhava vitórias atrás de vitórias. Esses movimentos não só permitiram que o Nazismo chegasse ao poder na Alemanha sem que um tiro fosse disparado contra ele, como falharam completamente na compreensão da natureza e dinâmica do fascismo e da forma de combatê-lo. Depois dos triunfos fascistas, tinham muito a esconder e por isso refrearam a elaboração de uma análise marxista, que pelo menos, educaria as gerações subsequentes.*

*Mas há uma análise marxista do fascismo. Foi feita por Leon Trotsky não à posteriori mas durante o ascenso do fascismo. Esta foi uma das grandes contribuições de Trotsky para o marxismo. Iniciou a tarefa depois da vitória de Mussolini na Itália em 1922 e levou-a a um ponto alto nos anos precedentes ao triunfo de Hitler na Alemanha em 1933. Nas suas tentativas de despertar o Partido Comunista Alemão e o Komintern<sup>1</sup> para o perigo mortal e para reunir uma frente unida contra o Nazismo, Trotsky fez uma crítica ponto a ponto das políticas dos partidos social-democratas e estalinistas. Esta obra constitui um compêndio de quase todas as posições erradas, ineficazes e suicidas que as organizações dos trabalhadores tomaram acerca do fascismo, com início nas posições dos partidos Alemães, que foram desde posição padrão de oportunismo e traição à direita (social-democracia) à abstenção ultra-esquerdista e traição (estalinismo).*

*O movimento Comunista estava ainda na sua fase ultra-esquerdista (o designado Terceiro Período) quando o movimento Nazi começou a desenvolver-se como uma bola de neve. Para os estalinistas todos os partidos capitalistas eram automaticamente “fascistas”. Ainda mais catastrófico que esta desorientação para os trabalhadores foi a declaração de Estaline de que o fascismo e a social-democracia, em lugar de serem opostos, eram «gémeos». Os socialistas foram imediatamente chamados de «social-fascistas» e encarados como inimigo principal. Clara que não podia haver frente unida com organizações “social-fascistas”, e aqueles que, como Trotsky, defendiam tais frentes, eram também etiquetados social-fascistas e assim tratados.*

*A medida do divórcio da linha Estalinista com a realidade pode ser ilustrada em termos americanos. Nas eleições de 1932, os estalinistas americanos denunciaram Franklin Roosevelt como um candidato fascista e Norman Thomas como um social-fascista. O que foi hilariante aplicado à política norte-americana foi trágico aplicado na Alemanha e na Áustria.*

*(Recentemente [1969], o termo social-fascista começou novamente a semear-se em artigos de membros da nova esquerda. Será que os que usam este termo imaginam que o inventaram? Ou, se estão atentos à história, serão indiferentes às suas conotações?)*

*Depois dos Nazis terem chegado ao poder, os estalinistas vangloriavam-se que a sua linha tinha sido 100% correcta e que os Nazis só se aguentariam no poder alguns meses e então iria emergir uma Alemanha Soviética. O tempo limite para este milagre foi-se estendendo de 3 meses para 6, 9 meses e depois a frívola bravata foi-se esmorecendo até ao silêncio. A magnitude da derrota sofrida pela classe operária, o especial carácter do fascismo, distinto de outros regimes reaccionários e ditaduras, tornaram-se evidentes para todos, e a ameaça para a União Soviética de um imperialismo rearmado Alemão começou a tornar-se uma realidade. Isto conduziu a uma mudança da linha de Moscovo em 1935 e os Partidos Comunistas por todo o mundo imediatamente zigzaguearam para a direita, mais a direita ainda do que os social-democratas. Esta foi a atitude estalinista face ao alastramento do perigo fascista na França e na Espanha.*

*A ruína militar dos fascismos alemão e italiano na Segunda Guerra Mundial convenceu a maioria das pessoas que o fascismo tinha sido destruído de vez e tão completamente desacreditado que nunca mais poderia ganhar novos adeptos. Os acontecimentos de então para cá, em particular a emergência de novos grupos e tendências fascistas em quase todos os países capitalistas, dissiparam tais esperançosas expectativas. A ilusão de que a Segunda Guerra Mundial foi travada para tornar o mundo livre do fascismo foi-se como tinha ido a anterior ilusão de que a Primeira Guerra Mundial tinha se travado para garantir a democracia no mundo. O gérmen do fascismo é endémico no capitalismo, uma crise pode desenvolver-lo a proporções epidémicas a não ser que contramedidas drásticas sejam aplicadas.*

*Como um homem prevenido vale por dois, oferecemos esta nova compilação - uma pequena selecção de escritos de Trotsky sobre o tema - como uma arma para o arsenal antifascista.*

**George Lavan Weissman**

## Capítulo I - O que é o fascismo?

*Extractos de uma carta a um camarada inglês, 15 de Novembro de 1931, publicado no "The Militant" a 16 de Janeiro de 1932*

**O que é o fascismo? O nome é originário da Itália. Será que todas as formas de ditadura contra-revolucionária são fascistas ou não (quer dizer, as anteriores ao advento do fascismo na Itália)?** A ditadura de Primo de Rivera em Espanha, 1923-30, é designada por ditadura fascista pelo Komintern. Isto é correcto ou não? Nós acreditamos que é incorrecto.

O movimento fascismo na Itália foi um movimento espontâneo de largas massas com novos dirigentes vindos da base. Foi um movimento plebeu na origem, dirigido e financiado por grande poderes capitalistas. Emergiu da pequena burguesia, do lupén-proletariado e mesmo, de alguma forma, de massas operárias; Mussolini, um ex-socialista, é um expontâneo que se eleva deste movimento.

Primo de Rivera era um aristocrata. Ocupava um alto posto militar e burocrático e era o Governador da Catalunha. Ele executou a tomada do poder com a ajuda do Estado e das forças militares. As ditaduras de Espanha e da Itália são duas formas completamente diferentes de ditadura. É necessário distingui-las. Mussolini teve dificuldades de reconciliar muitas antigas instituições militares com a milícia fascista. Este problema não existiu para Primo de Rivera.

O movimento na Alemanha é muito análogo ao Italiano. É um movimento de massas, com os dirigentes empregando uma grande quantidade de demagogia socialista. Isso é torna-se necessário para a criação de movimento de massas.

A genuína base (do fascismo) é a pequena burguesia. Em Itália tem uma base muito larga - a pequena burguesia das vilas e cidades e o campesinato. Na Alemanha, igualmente, existe uma base muito larga para o fascismo...

Pode-se dizer, e em certa medida é verdade, que uma nova classe média, os funcionários do Estado, os administradores privados, etc., podem constituir tal base. Mas essa é uma nova questão que necessita de ser analisada...

Para que se possa ser capaz de prever alguma coisa acerca do fascismo é necessário que haja uma definição de tal conceito. O que é o fascismo? Qual é a sua base, a sua forma, as suas características? Como é que se desenvolve? É necessário proceder de uma forma científica e Marxista.

## **Capítulo II - Como é que Mussolini triunfou?**

*de “Que Fazer? Questão vital para o Proletariado Alemão”, 1932*

**No momento que os recursos policiais e militares “normais” da ditadura burguesa, em conjunto com as suas defesas parlamentares já não são suficientes para manter a sociedade num estado de equilíbrio - chega a vez dos regimes fascistas. Através da organização fascista põe em movimento as massas da pequena burguesia enlouquecida e os bandos desclassificados e desmoralizados do lumpén proletariado - todos os inúmeros seres humanos que o capital financeiro ele próprio levou ao desespero e à fúria.**

Do fascismo a burguesia exige um trabalho completo; uma vez que ele recorre ao método da guerra civil, ele insiste em ter paz por um período de anos. E a organização fascista, através do uso da pequena burguesia como tropa de choque, esmagando todos os obstáculos no seu caminho, faz um trabalho completo. Após a vitória do fascismo, o capital financeiro directa e imediatamente concentra nas suas mãos, como que com tenazes de aço, todos os órgãos e instituições de soberania, a administração executiva, e os poderes educacionais do estado: todo o aparelho de Estado, juntamente com o exército, as municipalidades, as universidades, as escolas, a imprensa, os sindicatos, as cooperativas. Quando um Estado se torna fascista, isso não significa apenas que a forma e os métodos do governo mudaram de acordo com o modelo estabelecido por Mussolini - as mudanças nesta esfera afinal jogam um papel menor - mas significa acima de tudo que as organizações dos trabalhadores são aniquiladas, que o proletariado é reduzido a um estado amorfo, e que é criado um sistema de administração que penetra profundamente nas massas o qual serve para frustrar a cristalização independente do proletariado. Eis precisamente o fundamental do fascismo...

\* \* \*

O fascismo italiano foi o resultado imediato da traição dos reformistas à insurreição do proletariado italiano. Desde o final da guerra<sup>ii</sup> havia uma tendência de ascensão do movimento revolucionário em Itália e em Setembro de 1920 isso resultou na ocupação de fábricas e oficinas pelos operários. A ditadura do proletariado era um facto, o que lhe faltava era a sua organização e tirar daí todas as necessárias conclusões. A social democracia amedrontou-se e bateu em retirada. Depois destas bravas e heróicas jornadas o proletariado foi deixado face ao vazio. A interrupção do movimento revolucionário tornou-se o mais importante factor no crescimento do fascismo. Em Setembro o avanço revolucionário viu-se bloqueado, em Novembro já se testemunha a primeira grande manifestação dos fascistas (ocupação de Bolonha)<sup>iii</sup>.

Na verdade, o proletariado, mesmo depois da catástrofe de Setembro, foi capaz de travar batalhas defensivas. Mas a social democracia só estava preocupada com uma coisa: retirar os operários da luta a custo de uma concessão atrás da outra. A social democracia tinha esperança que a conduta dócil dos operários iria restaurar a “opinião pública” da burguesia contra o fascismo. Além disso os reformistas ainda se apoiavam fortemente no apoio do Rei Vitor Emmanuel. Até ao último momento eles usaram todas as suas forças para evitarem que os operários e demais trabalhadores enfrentassem os bandos de Mussolini. Não lhes valeu de nada. A Coroa, juntamente com as altas camadas da burguesia passou-se para o lado do fascismo. Convencidos até ao último momento que o fascismo não superaria a prova de obediência, os social democratas lançaram um apelo à greve geral. Mas a sua proclamação foi um fiasco. Os reformistas molharam tanto tempo a pólvora, com medo que esta explodisse, que quando finalmente, com a mão trémula, lhe chegaram a mecha, a pólvora não explodiu.

Dois anos depois o fascismo estava no poder. Ele fortaleceu-se graças ao facto que o primeiro período do seu desenvolvimento coincidiu com uma conjuntura económica favorável, que se seguiu à depressão de 1921-22. Os fascistas esmagaram o proletariado em retirada pelas imparáveis forças da pequena burguesia. Mas isso não foi conquistado apenas com um só golpe. Mesmo depois de ter assumido o poder Mussolini procedeu no seu caminho com cuidadosa atenção: faltava-lhe modelos anteriores. Durante os dois primeiros anos nem mesmo a Constituição foi alterada. O governo fascista tomou o carácter de uma coligação. Entretanto, os bandos fascistas estavam ocupados a usar mocas, facas e pistolas. Só assim foi-se criando o governo

fascista, o que significa a estrangulação completa de todas as organizações independentes de massas.

Mussolini conseguiu isto à custa de burocratizar o próprio partido fascista. Depois de utilizar as impetuosas forças da pequena burguesia, o fascismo estrangulou-as nas tenazes do estado burguês. Mussolini não poderia fazer de outra forma, para desilusão das massas que ele havia unido, precipitou-se de cabeça para o perigo mais imediato. O fascismo tornou-se burocrático, aproximando-se muito de outras formas de ditaduras militares e policiais.. Já não possuía a sua antiga base social de apoio. A principal reserva do fascismo - a impetuosa pequena burguesia- havia sido desprezada. Só a inércia histórica possibilitou ao governo fascista que mantivesse o proletariado num estado de dispersão e desespero.

Nas suas políticas em relação a Hitler, a social-democracia Alemã não foi capaz de acrescentar uma simples palavra: tudo o que fizeram foi repetir, com mais força, tudo o que os reformistas Italianos fizeram na sua altura com maiores voos de temperamento. A posterior explicação do fascismo como uma psicose do pós-guerra; os social-democratas Alemães vêem nisso uma “Versailles”<sup>iv</sup> ou uma crise psicótica. Em ambas as instâncias, os reformistas fecharam os olhos ao carácter orgânico do fascismo como um movimento de massas resultante do colapso do capitalismo.

Receosos da mobilização revolucionária dos operários, os reformistas Italianos basearam todas as suas esperanças no “Estado”. A sua palavra de ordem era: “Socorro! Victor Emmanuel, exerce pressão!” Os social-democratas Alemães faltava-lhes um defensor democrático tal como um monarca leal à constituição. Por isso tiveram de se contentar com um Presidente - “Socorro! Hindenburg<sup>v</sup>, exerce pressão!”

Enquanto travava a batalha contra Mussolini, isto é, enquanto retirava da frente de Mussolini, Turati<sup>vi</sup> deixou cair este brilhante princípio: “Devemos ter a maturidade de ser cobardes”

Os reformistas Alemães são menos graciosos nos seus slogans. A sua palavra de ordem era “Coragem sob impopularidade!” (“Mut zur Unpopularitaet”) - que conduz à mesma coisa. Não se deve ter medo da impopularidade que foi levantada pela própria contemporização cobarde com o inimigo.

Causas idênticas conduzem a idênticos efeitos: quando a marcha dos acontecimento dependia da direcção do partido social democrata, a carreira de Hitler estava assegurada.

Temos admitir, no entanto, que o Partido Comunista Alemão também aprendeu pouco da experiência italiana.

O Partido Comunista Italiano nasce quase simultaneamente com o fascismo. Mas as mesmas condições de refluxo revolucionário que conduziram o fascismo ao poder, serviram para deter o desenvolvimento do Partido Comunista. O facto não lhe deu experiência como a compreensão do verdadeiro perigo fascista; provocou-lhe um silenciamento baseado em ilusões revolucionárias; era irreconciliavelmente antagonista da política da frente única; numa palavra, estava desgraçadamente enfraquecido com todas as doenças infantis. Grande coisa! Só tinha dois anos de idade. A seus olhos, o fascismo parecia ser somente a “reacção capitalista”. O Partido Comunista Italiano foi incapaz de discernir que a característica “particular” do fascismo surgia da mobilização da pequena burguesia contra o proletariado. Os camaradas italianos informaram-me que, com a única excepção de Gramsci<sup>vii</sup>, o Partido Comunista nem admitia a hipótese dos fascistas tomarem o poder. Uma vez que o proletariado foi derrotado, uma vez que o capitalismo aguentou as suas posições e a contra revolução triunfou, como é que poderia outro género de insurreição contra-revolucionária? Como é que a burguesia poderia levantar-se contra si própria? Esta era a essência da orientação política do Partido Comunista Italiano. Mais ainda, não se pode perder de vista o facto de que o fascismo italiano era então um fenómeno novo, ainda num processo de formação, não teria sido uma tarefa fácil mesmo para um partido mais experimentado, distinguir as suas características específicas.

A direcção do Partido Comunista Alemão hoje reproduz quase que literalmente as posições tomadas pelos Comunistas Italianos no início; o fascismo não é mais do que a reacção capitalista; do ponto de vista do proletariado, a diferença entre os diversos tipos de reacção capitalista é insignificante. Este vulgar radicalismo é muito menos desculpável porque o Partido Alemão é muito mais antigo que o Italiano era no período correspondente; Além disso, o Marxismo está enriquecido pela trágica experiência da Itália. Insistir que o fascismo já está aí, ou negar mesmo a possibilidade deste chegar ao poder, conduz politicamente a uma e mesma

coisa. Ignorando a natureza específica do Fascismo a vontade de o combater inevitavelmente é paralisada.

A maior parte da responsabilidade deve ser assumida, é claro, pela direcção do Komintern. Os Comunistas Italianos acima de todos tinham o dever de levantar as suas vozes, dando o alarme. Mas Estaline, juntamente com Manuilsky <sup>viii</sup>, compelia-os a renunciar da mais importante lição da sua própria aniquilação.

Já observámos com que rápida diligência Ercoli <sup>ix</sup> mudou para a posição do social-fascismo - isto é, para a posição de aguardar passivamente pela vitória fascista na Alemanha.

## **Capítulo III - O Perigo Fascista Ameaça na Alemanha**

*de “A Viragem na Internacional Comunista e a situação na Alemanha”, 1930*

A imprensa oficial do Komintern está agora a *pintar* os resultados das eleições Alemãs (de Setembro de 1930) como uma prodigiosa vitória do Comunismo, que coloca na ordem do dia a palavra de ordem da Alemanha Soviética. Os burocratas optimistas não querem reflectir sobre o significado da relação de forças que foi revelada pelas estatísticas das eleições.

Eles examinam os números do crescimento do voto Comunista independentemente das tarefas revolucionárias criadas pela situação e os obstáculos que ela levanta. O Partido Comunista recebeu cerca de 4.600.000 votos contra os 3.800.000 recebidos em 1928. Do ponto de vista dos “normais” mecanismos parlamentares, o ganho de 1.300.000 votos é considerável, mesmo que se tenha em conta o aumento do número total dos votantes. Mas os ganhos do Partido empalidecem completamente face ao salto dos fascistas de 800.000 para 6.400.000 votos. De não menor importância para a avaliação das eleições é o facto de que a social-democracia, apesar das substanciais percas, retém os seus lugares básicos e continua a receber uma considerável maioria de votos operários (8.600.000) do que o Partido Comunista.

Entretanto, devemos perguntar a nós próprios, “Que combinação de circunstâncias internacionais e domésticas podem ser capazes de virar a classe operária para o Comunismo com maior velocidade?”, poderemos não encontrar um exemplo de circunstâncias mais favoráveis para essa viragem do que a situação actual na Alemanha: Young’s noose <sup>x</sup>, a crise económica, a desintegração do poder, a crise do parlamentarismo, a terrível auto-exposição da social-democracia no poder. Do Ponto de vista destas circunstâncias históricas concretas, a gravidade específica do Partido Comunista Alemão na vida social do país, apesar dos ganhos de 1.300.000 de votos, mantêm-se proporcionalmente pequena.

A fraqueza da posição do Comunismo, inexcritavelmente limitada com a política e regime do Komintern, é revelada mais claramente se compararmos o presente peso social do Partido Comunista que as concretas e inadiáveis tarefas que as presentes circunstancias históricas colocam perante ele.

É verdade que o próprio Partido Comunista não esperava tais ganhos. Mas isso prova que sob o impacto dos erros e derrotas, a direcção dos Partidos Comunistas tornou-se desabituada a grandes objectivos e perspectivas. Se ontem subestimava as suas próprias possibilidades, então hoje mais uma vez subestima as dificuldades. Neste caminho, um perigo é multiplicado pelo outro.

Entretanto, a primeira característica de um verdadeiro partido revolucionário é - ser capaz de olhar de frente a realidade.

\* \* \*

Para que a crise social possa trazer o proletariado para a revolução. é necessário que, para além de outras condições, uma mudança decisiva das classes da pequena burguesia ocorra na direcção do proletariado. Isto dá ao próprio proletariado uma hipótese de se por ele próprio à cabeça da nação como dirigente.

As últimas eleições revelaram - e isto é onde o seu significado sintomático principal conduz - uma mudança no sentido oposto. Sob o impacto da crise, a pequena burguesia virou, não em direcção à revolução proletária, mas em direcção à mais extrema reacção imperialista, arrastando consigo consideráveis sectores do proletariado.

O gigantesco crescimento do Nacional Socialismo é uma expressão de dois factores: um profunda crise social, abalando as massas da pequena burguesia, e uma falta de um partido revolucionário que seja reconhecido pelas massas do povo como um reconhecido dirigente revolucionário. Se o Partido Comunista é o “partido da esperança revolucionária”, então o fascismo, como um movimento de massas, é o partido do desespero contra-revolucionário. Quando a esperança revolucionária envolve toda a massa proletária, é inevitável que arraste consigo no caminho da revolução consideráveis e crescentes secções da pequena burguesia. É precisamente nesta esfera que as eleições revelaram um quadro oposto: o desespero contra-revolucionário envolve a pequena burguesia com tal força que arrasta atrás de si muitas secções do proletariado...

“ O fascismo na Alemanha tornou-se um perigo real” é uma aguada expressão da posição impotente do regime burguês, a direcção conservadora da social-democracia neste regime, e da incapacidade do Partido Comunista de abolir o regime. Quem o negar ou é cego ou charlatão...

O perigo adquire particular acuidade em ligação com o “tempo” do desenvolvimento, o qual não depende apenas de nós. O carácter epidémico da curva política revela que as eleições indicam que o tempo de desenvolvimento da crise nacional pode mudar muito rapidamente. Por outras palavras, o curso dos acontecimentos pode ressuscitar na Alemanha, num novo plano histórico, a velha e trágica contradição entre a maturidade de uma situação revolucionária, por um lado, e a fraqueza e impotência estratégica do partido revolucionário, por outro. Isto tem de ser dito claramente, abertamente e, acima de tudo, a tempo.

\* \* \*

Poderá a força da resistência conservadora dos operários social-democratas ser calculada por antecipação? Não pode. À luz dos eventos do passado ano, essa força parece ser gigantesca. Mas a verdade é que o que ajuda mais dos que tudo a social-democracia a manter-se unida é a política errada do Partido Comunista, a qual encontra a sua mais alta generalização na absurda teoria do social-fascismo. Para medir a real resistência das bases social-democratas, é necessário um diferente instrumento de medição, isto é, uma correcta táctica Comunista. Co esta condição - e não é uma condição pequena - o grau de

unidade interna da social-democracia pode ser revelado num curto período comparativo.

Numa diferente forma, o que foi dito acima também se aplica ao fascismo. Isso emana , para além das outras condições presentes, das tremuras da estratégia de Zinoviev - Estaline.<sup>xi</sup> Quais são as suas forças para a ofensiva? Qual é a sua estabilidade? Terão chegado ao ponto culminante, como os optimistas funcionários do Komintern e do Partido Comunista nos asseguram, ou é apenas o primeiro passo da escalada? Isto não pode ser antecipado mecanicamente. Só poderá ser determinado pela acção. Precisamente em relação ao fascismo, que é uma rasoira nas mãos da classe inimiga, a errada política do Komintern pode produzir resultados fatais a curto prazo. Por outro lado, uma correcta política - não num espaço de tempo tão curto, é verdade - pode minar as posições do fascismo ...

Se o Partido Comunista, apesar das excepcionais favoráveis circunstâncias, provou a sua fraqueza para abalar seriamente a estrutura da social-democracia com a ajuda da formula do “social-fascismo”, agora o fascismo real ameaça essa estrutura já não com uma fórmula palavrosa de designado radicalismo, mas com as fórmulas químicas dos explosivos. Não interessa quanto é verdade que a social-democracia com toda a sua política preparou o desabrochar do fascismo, não é menos verdade que o fascismo avança como uma ameaça mortal primariamente para a mesma social-democracia, todos aqueles que magnificam a sua inextricável ligação com as formas democrático-parlamentares pacifistas e métodos de governo.

A política de uma frente unida operária contra o fascismo provém desta situação. Ela abre tremendas oportunidades para o Partido Comunista. Uma condição de sucesso, no entanto, é a rejeição da teoria e da prática do “social-fascismo” uma inflecção com a qual se torna numa medida positiva sob as presentes circunstâncias.

A crise social irá inevitavelmente produzir profundas clivagens dentro da social-democracia. A radicalização das massas irá afectar os social-democratas. Teremos que inevitavelmente fazer acordos com várias organizações social-democratas e facções contra o fascismo, colocando condições definitivas nas suas ligações com os dirigentes, frente aos olhos das massas... Temos de regressar da frase vazia oficial acerca da frente unida para a política da frente unida como foi formulada por Lenine e sempre aplicada pelos Bolcheviques em 1917.

## Capítulo IV - Uma Fábula de Esopo

*De “Que Fazer? Questão vital para o proletariado alemão”, 1932*

Um comerciante de gado conduziu alguns bois para o matadouro. E o carniceiro veio de noite com a sua faca afiada

“Vamos unir esforços e cornear o carniceiro” - sugeriu um dos nossos bois.

“Queres-me explicar de que maneira é o carniceiro pior do que o negociante que nos conduziu até ao cutelo dele?” replicaram os bois, que tinham recebido a sua educação política no Instituto Manuisky ( O Komintern)

“Mas nós seremos capazes de tratar dele, mais tarde!”

“Nada feito, “ replicaram os bois firmes nos seus princípios “Tu estás a tentar, desde a esquerda, protegeres os nossos inimigos - tu és um social-carniceiro também.”

E recusaram unir esforços.

## Capítulo V - A Polícia e o Exército Alemães

*De “Que Fazer? Questão Vital para o Proletariado Alemão”, 1932*

**No caso do actual perigo, a social-democracia conta, não com a “Frente de Ferro”<sup>xii</sup> mas com a polícia prussiana. É contar com aquilo que não se tem.**<sup>[FR2]</sup> O facto de que a policia foi originariamente recrutada em largo número entre os operários social-democratas é absolutamente sem sentido. A consciência é determinada pelo ambiente, mesmo nesta instância. O operário que se torna um polícia ao serviço do estado capitalista é um “chui” burguês, não um operário. Nos últimos anos esses policia têm lutado muito mais contra os operários revolucionários do que com os estudantes nazis. Tal treino não deixa de produzir os seus efeitos. E acima de tudo: cada policia sabe que o pensamento do governo pode mudar, mas a policia continua.

No seu número do Ano Novo, o órgão teórico da social-democracia, “Das Freie Wort” , (“A Palavra Livre”), (que folha infeliz!), publica um artigo no qual a política da “tolerância” é exposta no seu mais alto senso. Segundo

ele, Hitler parece que nunca poderá chegar ao poder contra a polícia e o Reichswehr<sup>xiii</sup>. Assim, de acordo com a Constituição, o Reichswehr está sob o comando do Presidente da República. Assim o fascismo., prossegue, não é perigoso enquanto um Presidente fiel à Constituição continue à frente do governo. O regime de Brüning<sup>xiv</sup> tem de ser apoiado até às eleições presidenciais para que um Presidente Constitucional possa ser eleito, através de uma aliança com a burguesia parlamentar, e então o caminho de Hitler para o poder estará bloqueado por mais sete anos...

Os políticos do reformismo, esses habilidosos manipuladores, artistas em intrigas e carreirismo, especializados em manobras parlamentares e ministeriais, mal são atirados fora da sua habitual esfera pelo curso dos acontecimentos, mal são colocados face a face com contingências momentâneas, revelam-se ser - não há meio termo para isso - corpos ineptos.

Confiar num Presidente é confiar "no governo"! Face ao iminente choque entre o proletariado e a pequena burguesia fascista - dois campos que conjuntamente constituem a esmagadora maioria da nação alemã - esses "Marxistas" do "Vorwaerts" ("Avante") - o principal jornal social democrata - ladram ao guarda-noturno para vir em seu socorro, "Socorro! Governo, exerce pressão!".

## **Capítulo VI - Burguesia, pequena-burguesia e proletariado**

*de "O único caminho para a Alemanha", escrito em Setembro de 1932, publicado em Abril de 1933 nos EUA*

**Qualquer análise séria da situação política tem que ter como ponto de partida as relações mútuas entre três classes: a burguesia, a pequena-burguesia e o proletariado.**

A economicamente poderosa grande burguesia, em si, representa uma infinitesimal minoria da nação. Para garantir a sua dominação, tem de assegurar um relacionamento mútuo definitivo com a pequena burguesia e, através dessa mediação, com o proletariado.

Para compreender a dialéctica de relações entre estas três classes, temos de diferenciar três estágios históricos: o nascimento do desenvolvimento capitalista, quando a burguesia necessitava de métodos

revolucionários para cumprir as suas tarefas; o período de florescimento e expansão do regime capitalista, quando a burguesia dotou a sua dominação com formas normais, pacíficas, conservadoras e democráticas; e finalmente, no declínio do capitalismo, quando a burguesia é forçada a recorrer a métodos de guerra civil contra o proletariado para proteger o seu direito de exploração.

Os programas políticos característicos desses três estágios - **Jacobinismo** (ala esquerda das forças pequena burguesia na Grande Revolução Francesa, na sua fase mais revolucionária, dirigidos por Robespierre), **Democracia reformista** (incluindo a social-democracia) e **Fascismo** - são basicamente programas de correntes pequeno-burgueses. Só este facto, mais do que qualquer outra coisa, mostra que tremenda - mais do que quão decisiva - é a importância da autodeterminação das massas pequeno-burguesas do povo para o todo destino da sociedade burguesa

Contudo, as relações entre a burguesia e a sua base social básica de apoio, a pequena burguesia, nem sempre se baseia em mútua confiança e colaboração pacífica. Na sua massa, a pequena burguesia é uma classe explorada e desprivilegiada. Olha a burguesia com inveja e frequentemente com ódio. A burguesia, por outro lado, enquanto utiliza o apoio da pequena burguesia, desconfia desta última porque muito correctamente receia a sua tendência de deitar a abaixo barreira que se lhe coloquem à frente.

Enquanto estavam a abrir e limpar o caminho ao desenvolvimento burguês, os Jacobinos envolveram-se, a cada passo, em agudos confrontos com a burguesia. Serviram-na numa intransigente luta contra ela. Depois de terem tido concluído o seu papel histórico limitado, os Jacobinos caíram, porque a dominação do capital estava predeterminada.

Para toda uma série de estágios, a burguesia entrincheira o seu poder sob a forma de democracia parlamentar. Mesmo quando nem pacífica nem voluntariamente. A burguesia tinha um medo mortal do sufrágio universal. Mas em última análise, ele teve sucesso, como a ajuda de uma combinação de medidas violentas e de concessões, de privações e reformas, em subordinação ao campo da democracia formal não só da pequena burguesia mas em medida considerável o proletariado através da nova pequena burguesia - a aristocracia operária. Em Agosto de 1914<sup>xv</sup>, a burguesia imperialista foi capaz, dentro dos meios da democracia burguesa, de conduzir milhões de operários e camponeses para a guerra.

Mas precisamente com a guerra começa o distinto declínio do capitalismo e, acima de tudo, das suas formas democráticas de dominação. Agora já não é uma questão de novas reformas e similares, mas um corte total e abolição das antigas. É assim que a burguesia entra em conflito não só com as instituições democráticas do proletariado (sindicatos e partidos políticos) mas também com a democracia parlamentar, em cujo quadro se erguem as organizações de trabalhadores. Daí, a campanha contra o “marxismo” por um lado e contra a democracia, por outro.

Mas, tal como as cúpulas da burguesia liberal na sua altura foram incapazes, com as suas próprias forças apenas, de se verem livres do feudalismo, da monarquia e da igreja, assim os magnates do capital financeiro são incapazes, pelas “suas” forças apenas, de estar à altura do proletariado. Necessitam do apoio da pequena burguesia. Para esse propósito ela necessita de ser açoitada, reerguida, mobilizada, armada. Mas esse método tem os seus perigos. Pilsudsky<sup>xvi</sup> foi forçado, em Maio de 1926, a salvar a sociedade burguesa por um golpe de estado directamente contra os partidos tradicionais da burguesia polaca. A questão foi tão longe que o dirigente oficial do Partido Comunista Polaco, Warsky<sup>xvii</sup>, que veio da escola de Rosa Louxemburg<sup>xviii</sup> não para Lenine mas para Estaline, tomou o golpe de estado de Pilsudsky como o caminho para a “ditadura democrática revolucionária” e apelou aos operários para apoiarem Pilsudsky

Na sessão com Comité Polaco do Comité Executivo da Internacional Comunista de 2 de Julho de 1926, o autor destas linhas disse acerca dos acontecimentos na Polónia:

*“No seu conjunto, o golpe de Pilsudsky é a forma “plebeia” da pequeno-burguesa resolver os escaldantes problemas da sociedade burguesa no seu estado de decomposição e declínio. Aqui temos uma semelhança directa com o fascismo Italiano.*

*“Estas duas correntes possuem indubitavelmente características comuns: recrutam as suas tropas de choque primeiro que todo na pequena-burguesia; Pilsudsky, tal como Mussolini agiram com meios extra-parlamentares, com violência aberta, com métodos de guerra civil, ambos preocupados não com a destruição mas com a preservação da sociedade burguesa. Enquanto levantavam a pequena-burguesia, eles alinharam-se abertamente, depois da tomada do poder, com a grande burguesia. Involuntariamente, surge aqui uma generalização histórica, rechamando a uma avaliação dada por Marx ao Jacobinismo como um método plebeu de liquidar as contas com os inimigos feudais da burguesia... Isso foi no “PERÍODO DE ASCENSO” da burguesia. Agora temos de dizer que no “PERÍODO DE DECLÍNIO” da sociedade burguesa, a burguesia necessita novamente de métodos “plebeus” as suas já não progressistas mas inteiramente reaccionárias tarefas. Neste sentido, “o fascismo é uma caricatura do Jacobinismo”.*

*“A burguesia é incapaz de se manter ela própria no poder com os meios e do estado parlamentar criado por si; ela necessita do fascismo como ama de autodefesa, pelo menos em circunstâncias críticas. Todavia, a burguesia não gosta do de “plebeus” para resolver os problemas. Foi sempre hostil ao Jacobinismo, o qual abriu o caminho ao desenvolvimento da sociedade burguesa com o seu sangue. Os fascistas são imensuravelmente mais próximos da burguesia decadente do que eram os Jacobinos da burguesia ascendente. Todavia a burguesia moderada não encara muito favoravelmente o método fascista de resolver as suas tarefas, à cacetada, apesar de defenderem os interesses da sociedade burguesa, e está atenta aos seus perigos. Daí a oposição entre fascistas e partidos burgueses.*

*A grande burguesia gosta do fascismo tanto como um homem com dor de dentes que têm de arrancar um dente. Os círculos moderados da sociedade burguesa tem de seguir com desconfiança o trabalho do dentista Pilsudsky, mas em última análise têm de se reconciliar com o inevitável, embora com perigos, com vigaristas e todas as espcies de negociatas. Assim, o ídolo da pequena-burguesia de ontem torna-se no polícia do capital”*

Nesta tentativa de marcar o lugar histórico do fascismo de um alívio político da social-democracia, foi contraposta a teoria do social-fascismo. A princípio esta poderia parecer como uma estupidez pretensiosa, fanfarrona mas inofensiva. Os acontecimentos subsequentes demonstraram quão perniciososa foi a influência exercida pela teoria estalinista em todo desenvolvimento da Internacional Comunista.

Concluir-se-á do papel histórico do Jacobinismo, da democracia e do fascismo, que a pequena burguesia está condenada a manter-se como uma ferramenta nas mãos do capital até ao fim dos seus dias?. Se estas coisas fossem assim, então a ditadura do proletariado seria impossível num número de países nos quais a pequena burguesia constitui a maioria da nação e, mais do que isso, isso tornar-se-ia extremamente difícil em outros países nos quais a pequena burguesia representa uma importante minoria. Felizmente as coisas não são assim. A experiência da Comuna de Paris (a primeira “*ditadura do proletariado*”, a 18 de Março de 1871) primeiro mostrou, pelo menos nos limites de uma cidade, tal como a experiência da Revolução de Outubro (Revolução Russa de 1917) mostrou depois numa muito maior escala e num período incomparavelmente maior, que a aliança da pequena burguesia e da grande burguesia não é indissolúvel. Uma vez que a pequena burguesia é incapaz de uma política “*independente*” (é por isso que uma ditadura *democrática* da pequena burguesia é irrealizável), não fica outra escolha para ela entre a burguesia e o proletariado.

Na época do ascenso, do crescimento e do florescimento do capitalismo, a pequena burguesia, apesar de agudas explosões de descontentamento, geralmente marcha obedientemente nos arreios capitalistas. Nem podia fazer outra coisa. Mas nas condições de desintegração capitalista e de impasse nas condições económicas, a pequena burguesia luta, procura, tentar libertar-se dos caminhos dos seus velhos senhores e mestres da sociedade. É mesmo capaz de ligar o seu destino com o do proletariado. Para isso só uma coisa é necessária: a pequena burguesia têm de adquirir confiança na habilidade do proletariado para conduzir a sociedade no seu próprio caminho. O proletariado pode inspirar essa fé apenas com o fortalecimento, pela firmeza das suas acções, pela eficaz ofensiva contra o inimigo, pelo sucesso da sua política revolucionário.

Mas, aí de nós, se o partido revolucionário não está à altura da situação! A luta diária do proletariado aguça a instabilidade da sociedade burguesa. As greves e os distúrbios políticos agravam a situação económica do país. A pequena-burguesia pode aceitar temporariamente com as crescentes privações, se elas chegam pela experiência e a convicção de que o proletariado está numa posição de a conduzir por um novo caminho. Mas se o partido revolucionário, apesar da luta de classes tornar-se incessantemente mais acentuada, provar vezes e vezes ser incapaz de unir as classes trabalhadoras à volta dele, se ele vacilar, tornar-se confuso, contradizer-se,

então a pequena-burguesia perde a paciência e começa alhear os operários revolucionários como os responsáveis da sua própria miséria. Todos os partidos burgueses, incluindo o social-democrata, mudam os seus pensamentos nessa direcção. Quando a crise social assume uma intolerável acutilância, um partido particular aparece em cena com o objectivo directo de agitar a pequena-burguesia para uma direcção contra revolucionária e de dirigir o seu ódio e desespero contra o proletariado. Na Alemanha, esta função histórica é cumprida pelo Nacional-Socialismo (Nazismo), uma corrente dirigente cuja ideologia é composta de todos os pútridos vapores da sociedade burguesa em desintegração.

## **Capítulo VII - O Colapso da Democracia Burguesa**

*de “Para onde vai a França?”, 1934*

**Depois da guerra, uma série de brilhantes revoluções vitoriosas ocorreram na Rússia, na Alemanha, na Áustria-Hungria e, mais tarde, na Espanha. Mas foi só na Rússia que o proletariado tomou o controlo completo do poder nas suas mãos, expropriou os seus exploradores e soube como criar e manter um Estado Operário. Em todos os outros sítios o proletariado, apesar das suas vitórias, parou a meio caminho por causa dos erros dos seus dirigentes. Em resultado, o poder saltou das suas mãos, virou da esquerda para a direita, e foi atormentado pelo fascismo. Numa série de outros países o poder passou para as mãos de ditaduras militares. Em parte nenhuma os parlamentos foram capazes de reconciliar as contradições de classe e de assegurar um desenvolvimento pacífico dos acontecimentos. Os conflitos eram resolvidos com as armas na mão.**

O povo Francês durante muito tempo pensou que o fascismo não tinha nada a haver com ele.. Tinham uma república na qual todas as questões eram tratadas pelo povo soberano através do exercício do sufrágio universal. Mas a 6 de Fevereiro de 1934, alguns milhares de fascistas e monárquicos, armados de revólveres, paus e foices, impuseram ao país o governo reacçãoário de Doumergue<sup>xix</sup>, sob a protecção do qual os bandos fascistas continuam a crescerem e a armarem-se. O que nos espera amanhã?

Claro que, em França, como em certos outros países (Inglaterra, Bélgica, Holanda, Suíça e países escandinavos), ainda existem parlamentos, eleições, liberdades democráticas, ou outros restos. Mas em todos esses países operam as mesmas leis históricas, as leis do capitalismo em declínio. Se os meios de produção se mantêm nas mãos de um pequeno número de capitalistas, não há saída para a sociedade. Está condenada a ir de crise em crise, da necessidade à miséria, de mal a pior. Em vários países a decrepitude e a desintegração do capitalismo são expressas de diversas formas e a ritmos desiguais. Mas as características básicas do processo são as mesmas em qualquer parte. A burguesia está a conduzir a sua sociedade à completa bancarrota. Não é capaz de assegurar ao povo nem pão em paz. É precisamente por isso que não pode tolerar mais a ordem democrática. É forçada a esmagar os operários e camponeses através do uso da violência física. O descontentamento dos operários e camponeses, no entanto, não pode ser erradicado apenas pela polícia sozinha. Além do mais, se é frequentemente impossível fazer o exército marchar contra o povo. Começa pela desintegração e acaba com a passagem de largos sectores dos soldados para o lado do povo. É por isso que o capital financeiro é obrigado a criar bandos armados especiais, treinados para combater os operários, tal como certas raças de cães são treinadas para a caça. A missão histórica do fascismo é esmagar a classe operária, destruir as suas organizações e sufocar as liberdades políticas quando os capitalistas acharem-se incapazes de governar e dominar com a ajuda da maquinaria democrática.

Os fascistas encontram o seu material humano principalmente na pequena-burguesia. Ultimamente têm sido inteiramente arruinada pelo grande capital. Não existe saída para ela na presente ordem social, mas não conhece outra. A sua insatisfação, indignação e desespero são desviadas pelos fascistas do grande capital para serem usadas contra os operários. Poder-se-á dizer que fascismo é o acto de colocar a pequena-burguesia à disposição dos seus mais amargos inimigos. Neste sentido, o grande capital arruina as classes médias e então, com a ajuda de demagogos fascistas contratados, incita a desesperada pequena-burguesia contra o operário. O regime burguês só pode ser preservado com meios tão assassinos com estes. Por quanto tempo? Até que seja derrubado pela revolução proletária.

## Capítulo VIII - A Pequena-Burguesia receia a Revolução?

*de “Para onde vai a França?”, 1934*

**Os cretinos parlamentares, que se consideram a eles próprios connoisseurs (conhecedores, em francês no original), gostam de repetir: “Não devemos assustar as classes médias com a revolução. Elas não gostam de extremos”.**

Nesta forma geral, esta afirmação é completamente falsa. Naturalmente o pequeno proprietário prefere a ordem desde que os negócios sigam bem e desde que ele esperem que amanhã sigam melhor.

Mas quando as suas esperanças se perdem, ele facilmente se enraivece e facilmente cai nas medidas mais extremas. De outra forma, como é que ela poderia ter destronado o estado democrático e levar o fascismo ao poder na Itália e na Alemanha? A pequena burguesia desesperada vê no fascismo , acima de tudo uma força de combate contra o grande capital, e acredita que, ao contrário dos partidos dos trabalhadores que apenas falam, o fascismo usará a força para estabelecer “justiça”. O camponês e o artesão são, à sua maneira, realistas. Eles entendem que não se pode abster-se de usar a força.

É falso, três vezes falso, afirmar que a actual pequena burguesia não alinha com os partidos dos trabalhadores porque receia “as medidas extremas”. Pelo contrário. A camada baixa da pequena burguesia , as suas grandes massas, só vêm nos partidos dos trabalhadores as máquinas parlamentares. não acreditam na sua força, nem na sua capacidade de luta, nem na sua prontidão de desta vez conduzia a luta até ao fim.

E se é assim, valerá a pena o trabalho de substituir os representantes democráticos do capitalismo pelos seus confrades de esquerda? É por isso que os semi-esplorados, arruinados e proprietários descontentes sentem. Sem a compreensão da psicologia dos camponeses, dos artesãos, dos empregados, dos pequenos funcionários, etc., - uma psicologia que provem da crise social - é impossível elaborar uma política correcta. A pequena burguesia é economicamente dependente e politicamente atomizada. è por isso que não pode conduzir uma política independente. Ela necessita de um “dirigente” que lhe inspire confiança. Essa direcção individual ou colectiva, isto é, um personagem ou partido, pode ser dado por uma ou outra das classes

fundamentais - quer da grande burguesia quer do proletariado. O fascismo une e arma as massas amedrontadas. Da escória humana, ele organiza os destacamentos de combate. Isso dá à pequena burguesia a ilusão de ser uma força independente. Começa a imaginar que será o real comandante do estado. Não surpreende que essas ilusões e esperanças dêem a volta à cabeça da pequena burguesia !

Mas a pequena burguesia pode também encontrar direcção no proletariado. Isto foi demonstrado na Rússia e, parcialmente, na Espanha. Em Itália, na Alemanha e na Áustria a pequena burguesia gravitou na sua direcção. Mas os partidos do proletariado não levaram a cabo as suas tarefas históricas.

Para trazer a pequena burguesia para o seu lado, o proletariado tem de ganhar-lhe a confiança. E para isso tem de ter confiança na sua própria força.

Tem de ter um programa de acção claro e tem de estar pronto para a lutar pelo poder por todos os meios possíveis. Temperado pelo seu partido revolucionário uma luta decisiva e sem piedade, o proletariado diz aos camponeses e à pequena burguesia das cidades:

“Estamos a lutar pelo poder. Eis o nosso programa. Estamos prontos a discutir convosco alterações a esse programa. Empregaremos a força apenas contra o grande capital e os seus lacaios, mas convosco, que vivem do vosso labor, desejamos concluir uma aliança com base num dado programa”.

Os camponeses compreenderam tal linguagem. Só que eles tem de ter fé na capacidade do proletariado tomar o poder.

Mas para isso é necessário purgar a frente unida de todos os equívocos, de todas as indecisões, de todas as frases ocas. É necessário compreender a situação e colocar-nos seriamente na via da revolução.

## **Capítulo IX - As Milícias Operárias e os seus Oponentes**

*de “Para onde vai a França?”, 1934*

Para lutar é necessário conservar e fortalecer os instrumentos e os meios de luta - organizações, imprensa, reuniões, etc. O fascismo (em França) está a ameaçar tudo isso directa e imediatamente. Ainda é

**demasiado fraco para uma luta directa pelo poder, mas já é forte o suficiente para tentar derrubar as organizações da classe operária peça a peça, para temperar os seus bandos nesses ataques e espalhar consternação e falta de confiança das suas forças na base dos operários.** O fascismo encontra apoiantes inconscientes naqueles que dizem que a “luta física” é inaceitável e irremediável, e exige de Doumergue o desarmamento da sua guarda fascista. Não há nada mais perigoso para o proletariado, especialmente na presente situação do que o veneno açucarado das falsas esperanças. Nada aumenta mais a insolência dos fascistas do que o pacifismo flácido da parte das organizações operárias. Nada destrói mais a confiança das classes médias na classe operária do que a contemporização, passividade e falta de vontade de lutar.

“Le Populaire” (“O Popular” - jornal do Partido Socialista Francês do pós-guerra) e especialmente “L’Humanité” (“A Humanidade” - Jornal do Partido Comunista Francês) escrevem todos os dias:

*“ A frente unida é uma barreira contra o fascismo...”*

*“ a frente unida não permitirá...”*

*“ os fascistas não se atreveram...” , etc.*

Isto são frases. É necessário dizer rotundamente aos trabalhadores, Socialistas e Comunistas, que não permitam serem adormecidos por frases de jornalistas e orados superficiais e irresponsáveis. É uma questão das nossas cabeças e do futuro do Socialismo. Não é que neguemos a importância da frente unida. Exigimo-la quando os dirigentes de ambos os partidos eram contra ela. A frente unida abre imensas “possibilidades” mas nada mais. Em si própria, a frente unida não decide nada. Só a luta de massas decide. A frente unida revelará o seu valor quando os destacamentos Comunistas ocorrem em socorro dos destacamentos Socialistas e vice-versa em caso de ataque dos bandos fascistas contra “Le Populaire” ou “l’Humanité”. Mas para isso os destacamentos de combate proletários têm de existir e de serem educados, treinados e armados. E se não há uma organização de defesa, isto é, milícias operárias, “Le Populaire” ou “l’Humaité” serão capazes de escrever que queiram sobre a onipotência da frente unida, mas os dois jornais encontrar-se-ão indefesos perante o primeiro ataque bem preparado dos fascistas.

Propomos que se faça um estudo crítico aos “argumentos” e “teorias” dos oponentes das milícias operárias que são muito numerosos e influentes nos dois partidos dos trabalhadores.

*“Precisamos de autodefesa de massas e não de milícia” - dizem-nos frequentemente.*

Mas o que é essa “*auto defesa de massas*” sem organizações de combate, sem quadros especializados, sem armas? Entregar a defesa contra o fascismo a massas da esquerda desorganizadas e imperparadas será fazer um papel incomparavelmente mais baixo que Poncius Pilatos. Negar o papel da milícia é negar o papel da vanguarda. Daí para quê um partido?. Sem o apoio das massas, as milícias não são nada. Mas sem destacamentos de combate organizados, as mais heróicas massas serão esmagadas pedaço a pedaço pelos bandos fascistas. É insensato contrapor as milícias à autodefesa. A milícia é um organismo de autodefesa.

*“Apelar à organização de uma milícia” dizem alguns oponentes que, para ser seguro, são os menos sérios e honestos, “ é alinhar com a provocação”.*

Isto não é um argumento mas um insulto. Se a necessidade de defesa das organizações operárias provem do conjunto da situação, como é que então se pode não apelar à criação de milícias? Talvez eles queiram dizer que a criação das milícias “provocam” ataques fascistas e repressão governamental. Neste caso, é um argumento completamente reaccionário. O Liberalismo sempre disse que os operários através da sua luta de classes “provocavam” a reacção.

Os reformistas repetem esta acusação contra os Marxistas, os mencheviques contra os Bolcheviques. Esta acusações reduzem-se a si próprias, no final da análise, de que se os oprimidos não resistirem, os opressores não serão obrigados a espancá-los. Esta é a filosofia de Tolstoy e Ghandi mas nunca a de Marx e Lenine. Se “l’Humanité” desenvolver a partir daqui a doutrina de “não resistir ao mal com a violência”, deverá tomar como símbolo, não a foice e o martelo, emblema da Revolução de Outubro, mas a piedosa ovelha, que fornece Ghandi com o seu leite.

*“Mas o armamento dos operários só é oportuno numa situação revolucionária, que ainda não existe”.*

Este argumento profundo significa que os operários têm de permitir que eles próprios sejam massacrados até que a situação seja revolucionária. Os que ontem pregavam o “terceiro período”<sup>xx</sup> não querem ver o que se passa à frente dos seus olhos. A questão das armas surge só porque a situação “pacífica”, “normal” e “democrática” foi substituída por uma tormentosa, crítica e instável situação que se pode transformar ela própria numa situação revolucionária ou contra revolucionária.

Essa alternativa depende acima de tudo se os operários avançados permitirão ou não ser atacados com impunidade e derrotados passo a passo ou responderão a cada golpe com dois golpes dos seus, elevando a coragem dos oprimidos e unindo-os à volta dessa bandeira. Uma situação revolucionária não cairá dos céus. Tomará forma com a activa participação da classe revolucionária e do seu partido.

Os estalinistas franceses argumentam agora que a milícia não salvaguardou o proletariado alemão da derrota. Ainda ontem eles negavam completamente qualquer derrota na Alemanha e afirmavam que a política dos estalinistas alemães era correcta do princípio ao fim. Hoje, vêem o absoluto mal na milícia operária alemã (“Rote Front” - Frente Vermelha, a designação da milícia Comunista alemã banida pelo governo social-democrata depois dos tumultos do 1º de Maio de 1929, em Berlim). Assim, de um erro eles caem no erro diametralmente oposto, não menos monstruoso. A milícia, em si própria, não responde à questão. É necessária uma política correcta. Enquanto isso a política do estalinismo na Alemanha (“o social-fascismo é o principal inimigo”), a cisão nos sindicatos, o namoro com o nacionalis-putshismo) fatalmente conduz ao isso o destacamento da vanguarda do proletariado e ao seu naufrágio. Com uma estratégia completamente errada nenhuma milícia salvaria a situação. Não tem sentido dizer que, em si mesmo, a organização da milícia conduz ao aventureirismo, provoca o inimigo, substitui a luta política pela luta física, etc. Em todas essas frases não há nada a não ser cobardia política.

A milícia, como a organização forte da vanguarda é, de facto, a mais segura defesa contra o aventureirismo, contra o terrorismo individual, contra a espontânea explosão sangrenta.

A milícia é, ao mesmo tempo, a única forma séria de reduzir a um mínimo a guerra civil que o fascismo impõe sobre o proletariado. Deixemos os operários, apesar da falta de uma “situação revolucionária”,

ocasionalmente corrigir os patriotas paternalistas à sua própria maneira, e o recrutamento de novos bandos fascistas tornar-se-á incomparavelmente mais difícil.

Mas aqui os estrategistas, embrulhados pelo seu próprio arrazoado, avançam contra nós argumentos ainda mais estúpidos. Citamos textualmente:

*“Se replicarmos aos tiros de revolver dos fascistas com outros tiros de revolver,” - escreve o L’Humanité de 23 de Outubro de 1934, “perderemos a perspectiva de que é um produto do regime capitalista e assim, combatendo o fascismo é o inteiro regime que enfrentamos”*

É difícil acumular em poucas linhas maior confusão e mais erros. É impossível. É impossível alguém defender-se contra os fascistas porque eles são “um produto do regime capitalista”. Isto significa que temos de renunciar a toda a luta porque todos os males sociais contemporâneos são “produtos do regime capitalista”. Quando os fascistas assassinam um revolucionário, ou incendeiam o edifício de um jornal proletário, os operários têm de assinalar filosoficamente:

“Enfim, assassinatos e fogos postos são produtos do sistema capitalista” e de ir para casa com as consciências tranquilas. Prostração fatalista substitui a teoria militante de Marx, com vantagem apenas para a classe inimiga. A ruína da pequena burguesia é, claro, um produto do capitalismo.

O crescimento dos bandos fascistas é, por seu turno, um produto da ruína da pequena burguesia. Mas por outro lado, o aumento da miséria e da revolta no proletariado são também produtos do capitalismo, e a milícia, por seu turno, é um produto do agudizar da luta de classes. Porque é que, então, para os “marxistas” do “L’Humanité”, os bandos fascistas são produtos legítimos do capitalismo e as milícias operárias são produtos ilegítimos do Trotskysmo?

É impossível dar crédito a isto. [FR3]

*“Teremos de enfrentar todo o sistema” - dizem-nos*

Como? Acima das cabeças os seres humanos? Os fascistas, em diferentes países, começaram com os seus revólveres a acabaram destruindo todo o “sistema” ofensiva armada do inimigo senão através do armamento para a defesa, e por nossa vez, avançando para a ofensiva?

O “l’Humanité” admite agora, em palavras, a defesa mas apenas na forma de “autodefesa de massas”. As milícias são prejudiciais porque, estão a ver, dividem os destacamentos de combate das massas. Mas porque é que existem destacamentos armados independentes entre os fascistas que não estão desligados das massas reaccionárias mas que, pelo contrário, aumentam a coragem e o entusiasmo das massas pelos seus ataques bem organizados? Ou talvez seja que as massas proletárias sejam inferiores em qualidade combativa da pequena burguesia desqualificada?

Esperançosamente o emaranhado do “l’Humanité” finalmente começa a hesitar: afinal parece que uma autodefesa de massas requer a criação de “grupos de autodefesa” especiais. Em vez de rejeitar as milícias, são propostos grupos ou destacamentos. Pode parecer à primeira vista que só há uma diferença de nomes. Certamente que o nome proposto pelo “l’Humanité” nada significa. Pode-se falar de “autodefesa de massas” mas é impossível falar de “grupos de autodefesa” uma vez que o seu propósito não é defenderem-se a eles mesmos mas as organizações operárias.

No entanto, não é, claro, uma questão de nome. Os “grupos de autodefesa”, de acordo com o “l’Humanité”, têm de renunciar ao uso de armas para que não caíam no “putschismo”. Estes sábios tratam a classe operária como uma criança a que não lhe é permitido pegar numa tesoura nas mãos. As “Tesouras”, além disso, são monopólio, como sabemos dos “Camelots du Roi”, que são um legítimo “produto do capitalismo” e que, com a ajuda das “tesouras”, derrubaram o “sistema” democrático. Em qualquer caso, como é que esses “grupos de autodefesa” se vão defender dos revolveres fascistas? “Ideologicamente”, claro. Noutras palavras: podem-se esconder. Não tendo o que necessitam nas suas mãos, tem de procurar a autodefesa nos seus pés. E os fascistas, entretanto, continuaram a destruir as organizações operárias impunemente. Mas se o proletariado sofrer uma terrível derrota, nunca terá sido acusado de “putschismo”. Estes princípios fraudulentos, aparentemente sob a bandeira do “Bolchevismo”, levantam só repugnância e ódio.

Durante o “terceiro período” de boa memória - quando os estrategistas do “l’Humanité” estavam afectados com a febre das barricadas, “conquistavam” as ruas todos os dias e etiquetavam como “social-fascista” que não partilhasse as suas extravagâncias - nós predissemos: “No momento em que esses cavalheiros queimarem as pontas dos dedos, tornar-se-ão os

piores dos oportunistas” Essa predição está a gora a ser completamente confirmada. Na altura, quando dentro do Partido do Socialista o movimento a favor das milícias operárias estava a crescer e a fortalecer-se, os dirigentes do designado Partido Comunista correram Ceca e Meca para arrefecer o desejo dos operários avançados para se organizarem em colunas de combate. Pode-se imaginar um trabalho mais desmoralizador ou mais condenável que este?

Nas fileiras do Partido Socialista ouve-se, às vezes, esta objecção:  
*“Deve-se formar as milícias mas mantê-las clandestinas”*

Só nos podemos congratular com os que desejam proteger as partes práticas do assunto de olhos e ouvidos. Mas é necessário ser muito naif para pensar que uma milícia pode ser criada e mantida invisível e secreta dentro de quatro paredes. Precisamos de dezenas e mais tarde de centenas de milhares de combatentes. Eles só virão se milhões de operários e operárias, e atrás deles, de camponeses, compreenderem a necessidade da milícia e criarem à volta dos voluntários uma atmosfera de ardente simpatia e de apoio activo. Cuidados conspiracionais podem e devem envolver apenas o aspecto “técnico” do assunto. A campanha “política” deve ser abertamente desenvolvida, em reuniões, comícios, nas fábricas, nas ruas e noutras praças públicos.

Os quadros principais das milícias devem ser operários industriais agrupados de acordo com os seus lugares de trabalho, conhecendo-se uns aos outros e capazes de proteger o seu destacamento de combate contra as provocações dos agentes inimigos muito mais fácil e seguramente que os mais proeminentes burocratas. Corpos clandestinos sem mobilização aberta das massas irão, no momento de perigo, ficar impotente suspensos no ar. Cada organização operária tem de ser mergulhada no trabalho. Neste trabalho não pode haver linha de demarcação entre partidos da classe operária e sindicatos. Lado a lado, eles têm de mobilizar as massas. Assim, o sucesso das milícias populares será assegurado.

*“Mas onde é que os operários vão buscar as armas”* objectam os soberbos “realistas” - isto é filistinos amedrontados - *“o inimigo tem espingardas, canhões, tanques, gás e aviões. Os operários tem umas poucas centenas de revólveres e canivetes”.*

Nesta objecção tudo está montado para assustar os operários. Por um lado, os nossos sábios, identificam as armas dos fascistas como armamento do Estado. Por outro lado, eles viram-se para o Estado e pedem que

desarmem os fascistas. Notável lógica! De facto, a sua posição é falsa em ambos os casos. Em França ainda estão muito longe de controlar o Estado. Em 6 de Fevereiro, eles entraram em conflito armado com a policia do Estado. É por isso que é falso falar de canhões e tanques quando se trata luta armada “imediata” contra os fascistas. Os fascistas, claro, são mais ricos do que nós. É mais fácil para eles comprarem armas. Mas os operários são mais numerosos, mais determinados, mais devotados quando têm consciência de uma direcção firmemente revolucionária

Acrescido a outras fontes, os operários podem armarem-se à custa de desarmarem sistematicamente os fascistas. Esta é agora uma das formas mais sérias de luta contra o fascismo: Quando os arsenais operários começarem a ser reforçados à custa dos depósitos de armas fascistas, os bancos e trusts serão mais prudentes a financiar o armamento das suas guardas assassinas. Será mesmo possível neste caso, - mas só neste caso - que as autoridades alarmadas comecem a evitar o armamento dos fascistas para que não constituam fontes adicionais de armas para os operários. Sabemos há longo tempo que ó uma táctica revolucionária engendra, como um subproduto, “reformas” e concessões do governo.

Mas como desarmar os fascistas? Naturalmente, é impossível fazê-lo apenas com artigos de jornais. Esquadrões de combate tem de ser criados. Um serviço de espionagem tem de ser estabelecido. Milhares de informadores e auxiliares amigos se ofereceram por toda a parte quando entenderem que o assunto está a ser levado a sério por nós. Isto requer uma vontade para a acção proletária.

Mas as armas dos fascistas não são, claro, a nossa única fonte. Em França, há mia d e um milhão de operários organizados. De uma forma geral, esse número é pequeno. Mas é inteiramente suficiente para o começo da organização da milícia operária. Se os partidos e sindicatos aramassem apenas um décimo dos seus membros, ela seria já uma força de 100.000 homens. Não há dúvida que, qualquer que seja o número de voluntários que avancem amanhã ao apelo da “frente unida” para uma milícia operária excederá esse número. As contribuições dos partidos e sindicatos, colectas e quotas voluntárias, poderão, dentro de um mês ou dois total possível assegurar o armamento de 100.000 a 200.000 combatentes da classe operária. A escória fascistas irá imediatamente fugir com o rabo entre as pernas. Toda

a perspectiva de desenvolvimento tornar-se-á incomparavelmente mais favorável.

Invocar a falta de armas ou outras razões objectivas para explicar porque é que não foram feitas nenhuma tentativas para criara a milícia, é enganarmo-nos a nós próprios e aos outros. O principal obstáculo - pede-se dizer o único obstáculo - tem as suas raízes no carácter passivo e conservador dos dirigentes das organizações operárias. Cépticos como são, os dirigentes não acreditam na força do proletariado. Eles colocam a sua esperança em todo o tipo de milagres que venham de cima em vez de darem uma saída revolucionária às energias que pulsam na base. Os operários socialistas devem pressionar os seus dirigentes para passarem imediatamente à criação da milícia operária ou darem espaço a forças mais jovens e frescas.

Uma greve é inconcebível sem propaganda e sem agitação. É também inconcebível sem piquetes que, quando podem, persuadem, mas quando são obrigados, usam a força. A greve é a mais elementar forma de luta de classes que combina sempre, em proporções variáveis, métodos “ideológicos” um métodos físicos. A luta contra o fascismo é basicamente uma luta política que necessita de uma milícia como a greve precisa de piquetes. Basicamente, os piquetes são o embrião da milícia. Quem pensa em renunciar à luta física, tem de renunciar a toda a luta porque o espírito não vive sem carne.

Seguindo a esplêndida frase do grande teórico militar Clausewitz, a guerra é continuação da política por outros meios. Esta definição também se aplica completamente à guerras civil. Não é permitido opor uma à outra uma vez que é impossível verificar exactamente quando a luta política “pacífica” se transforma, por força das suas necessidades internas, numa luta política armada”. O dever de um partido revolucionário é prever a tempo a inevitabilidade da transformação da política em conflito armado aberto, e com todas as suas forças prepara esse momento como as classes dominantes o preparam.

Os destacamentos da milícia para defesa dos fascistas são o primeiro passo no caminho do armamento do proletariado, não o último. A nossa palavra de ordem é:

***“Armar o proletariado e os camponeses revolucionários!”***

A milícia operária deve, em última análise, envolver todos os trabalhadores. Cumprir este programa “completamente” seria apenas possível num Estado Operário para as mãos do qual passariam todos os meios de produção e, conseqüentemente, também de todos os meios de destruição - isto é, todas as armas e as fábricas que as fabricam.

No entanto, é impossível chegar a um Estado Operário com as mãos vazias. Somente inválidos políticos como Renauldellxi podem falar caminho pacífico, constitucional para o socialismo. O caminho constitucional está cortado pelas trincheiras cavadas pelos bandos fascistas. Não existem apenas umas poucas trincheiras à nossa frente. A burguesia não hesitará em preparar uma dúzia de coups d'étatxii suportados pela polícia e pelas forças armadas, para impedir que o proletariado conquiste o poder.

Um Estado Socialista Operário só pode ser criado por uma revolução vitoriosa.

Cada revolução é preparada pela marcha do desenvolvimento económico e político, mas é sempre decidida por conflitos armados abertos entre classes hostis. Uma vitória revolucionária só ser possível como resultado de uma longa agitação política, um alongado período de educação e organização das massas.

Mas o conflito armado, ele próprio, também tem de ser preparado com longa antecedência.

Os operários de vanguarda têm de saber que terão de lutar e ganhar uma luta de morte. Tem que juntar espingardas com garantia da sua emancipação.

## **Capítulo X - As Perspectivas nos Estados Unidos**

*de “Algumas questões sobre os Problemas Americanos,” IVª Internacional, Outubro de 1940*

*O atraso da classe operária dos Estados Unidos é apenas um termo relativo. Em muitos dos mais importantes aspectos, é a classe operária mais*

*progressista do mundo, tecnicamente e nos seus padrões de vida. Os operários americanos são muito combativos - como temos visto nas greves. Tiveram das greves mais revoltosas em todo o mundo. O que os operários americanos tem falta é de um espírito de generalização, ou análise, da sua posição de classe na sociedade como um todo. Esta falta de pensamento social têm origem em toda a história do país.(..)***Acerca do Fascismo**

Em todos os países em que o fascismo triunfou, tivemos, antes do crescimento do fascismo e da sua vitória, uma onda de radicalização de massas dos operários e dos mais pobres camponeses e fazendeiros, e da classe pequena-burguesia. Na Itália, depois da guerra e antes de 1922, tivemos uma onda revolucionária de tremendas dimensões, o Estado foi paralisado, a policia não existia, os sindicatos podiam fazer tudo aquilo que quisessem - mas não havia um partido capaz de tomar o poder. Como reacção surgiu o fascismo.

Na Alemanha, o mesmo. Tivemos uma situação revolucionária em 1918, a classe burguesa nem pedia para participar no poder. Os social-democratas paralisaram a revolução.

Então, os operários tentaram novamente em 1922-23-24. Foi o tempo da bancarrota do Partido Comunista - tudo isso já abordamos anteriormente. Então entre 1929 e 1931 os operários alemães iniciaram novamente uma onda revolucionária. Havia um tremendo poder nos Comunistas e nos Sindicatos mas então veio a famosa política (da parte do movimento Estalinista) do social-fascismo, uma política inventada para paralisar a classe operária. Só depois dessas três tremendas vagas o fascismo tornou-se um grande movimento. Não há exceções a esta regra - o fascismo surge apenas quando a classe operária mostra completa incapacidade de tomar nas suas próprias mãos o destino da sociedade.

Nos Estados Unidos iremos ter o mesmo processo. Desde já, existem elementos fascistas, e eles tem, claro, os exemplos da Itália e da Alemanha.

Por isso, ele trabalharam a um ritmo mais rápido. Mas vocês têm também exemplos de outros países. A próxima vaga histórica nos Estados Unidos será a vaga do radicalismo de massas, não a do fascismo. Claro, a guerra poderá esconder a radicalização durante algum tempo, mas depois ela dará à radicalização muito mais um tremendo ritmo e balanço.

Não devemos identificar a ditadura de guerra - a ditadura da máquina militar, da burocracia, do capital financeiro - com uma ditadura fascista. Para esta última é ainda necessário um sentimento de desespero de largas massas do povo. Quando os partidos revolucionários traem as massas, quando a vanguarda dos operários mostra a sua incapacidade para dirigir o povo à vitória - então dos fazendeiros pobres, os pequenos comerciantes, os desempregados, os soldados, etc., tornam-se capazes de apoiar um movimento fascista, mas só então.

Uma ditadura militar é puramente uma instituição burocrata, reforçada pela máquina militar e baseada na desorientação do povo e da sua submissão à ditadura. Depois de algum tempo os sentimentos populares podem mudar e podem tornar-se rebeldes contra a ditadura.

## **CAPÍTULO I - O QUE É O FASCISMO?.....6**

## **CAPÍTULO II - COMO É QUE MOSSULINI TRIUNFOU?.....7**

|                                                                       |           |
|-----------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>CAPÍTULO III - O PERIGO FASCISTA AMEÇA NA ALEMANHA.....</b>        | <b>11</b> |
| <b>CAPÍTULO IV - UMA FÁBULA DE ESOPO.....</b>                         | <b>15</b> |
| <b>CAPÍTULO V - A POLÍCIA E O EXÉRCITO ALEMÃES .....</b>              | <b>15</b> |
| <b>CAPÍTULO VI - BURGUESIA, PEQUENA-BURGUESIA E PROLETARIADO.....</b> | <b>16</b> |
| <b>CAPÍTULO VII - O COLAPSO DA DEMOCRACIA BURGUESA.....</b>           | <b>21</b> |
| <b>CAPÍTULO VIII - A PEQUENA-BURGUESIA RECEIA A REVOLUÇÃO?</b>        | <b>23</b> |
| <b>CAPÍTULO IX - AS MILÍCIAS OPERÁRIAS E OS SEUS OPENENTES</b>        | <b>24</b> |
| <b>As Perspectivas nos Estados Unidos.....</b>                        | <b>33</b> |

---

<sup>i</sup> Komintern - Sigla da IIIª Internacional, ou Internacional Comunista, fundada em 1919 por iniciativa de Lenine, Trotsky e marxistas revolucionários que romperam com a IIª Internacional após a traição social-democrata ao início da Primeira Guerra Mundial.

<sup>ii</sup> 1ª Guerra Mundial Nota do Tradutor Português

<sup>iii</sup> A campanha fascista de violência iniciou-se em Bolonha, a 21 de Novembro de 1920. Quando os vereadores social-democratas, vitoriosos nas eleições municipais, saíram da Câmara Municipal para apresentar o novo Presidente do Município, foram recebidos por um tiroteio no qual morreram 10 pessoas e 100 ficaram feridas. Os fascistas continuaram com “expedições punitivas” nos subúrbios, praças fortes das “ligas Vermelhas”. “Esquadrões de acção” dos “camisas negras”, em veículos fornecidos pelos grandes latifundiários avançaram sobre as aldeias, espancando e assassinando camponeses de esquerda e dirigentes operários, destruindo sedes radicais e aterrorizando as populações. Galvanizados pelo seu sucesso fácil, os fascistas lançaram ataques em larga escala nas grandes cidades.

<sup>iv</sup> O **Tratado de Versailes**, imposto à Alemanha depois da Primeira Grande Guerra, foi o odiado facto do pagamento de um interminável tributo pago aos aliados vitoriosos por danos e perdas de guerra. A crise a seguir referida foi a depressão económica que varreu o capitalismo mundial depois do crash da Bolsa de Wall Street, Nova York, em 1929.

<sup>v</sup> O **Marechal Paul von Hindenburg** (1847-1934), general Junker que ganhou fama na Primeira Guerra Mundial e mais tarde Presidente da República de Weimar. Em 1932, os social-democratas deram-lhe o apoio para a reeleição como um “mal menor” que os Nazis. Foi ele que nomeou Hitler como Chanceler em Janeiro de 1933.

<sup>vi</sup> **Filippo Turati** (1857-1937), dirigente e teórico reformista do Partido Socialista Italiano

<sup>vii</sup> **António Gramsci** (1891-1937) um dos fundadores do <sup>Partido Comunista Italiano</sup>, aprisionado por Mussolini em 1926, morreu na prisão 11 anos depois. Enviou uma carta da prisão, em nome do Comité Político do Partido Comunista Italiano, protestando contra a campanha de Estaline contra a Oposição de Esquerda. Taglatti, então em Moscovo como representante italiano no Komintern, suprimiu a carta. Durante a era de Estaline a memória de Gramsci foi abafada. No período de destalinização, no entanto, foi “redescoberto” pelo Partido Comunista Italiano e oficialmente reabilitado como herói e mártir. Desde então, têm havido aplauso internacional dos seus escritos teóricos, particularmente as suas notas da prisão.

---

<sup>viii</sup> **Dimitri Manuïlsky** (1883-1952): presidiu ao Komintern de 1929 a 1934; a sua remoção anunciou a mudança do ultra-esquerdismo para o oportunismo do período da Frente Popular. Mais tarde aparece, na fase diplomática, como delegado às Nações Unidas

<sup>ix</sup> **Ercoli** Pseudónimo no Komintern de Palmiro Togliatti (1893-1964). Dirigi o PC italiano depois da prisão de Gramsci. Sobreviveu a todos os zigzages da linha do Komintern, mas depois da morte de Estaline criticou o regime de Estaline assim como algumas das consequentes obras na URSS e no movimento Comunista Internacional.

<sup>x</sup> **”Young’s noose”** : referência ao Plano Young. Referente a Owen D. Young, grande proprietário norte-americano que foi Agente Geral das Reparações Alemãs durante os anos 20. No Verão de 1929, foi o presidente da Conferência que adoptou o seu Plano, para substituir o malogrado Plano Dawes, com o objectivo de “facilitar” o pagamento Alemão dos tributos decorrentes do Tratado de Versailles

<sup>xi</sup> **estratégia de Zinoviev-Stalin** : Gregory Y. Zinoviev (1883-1936), presidente do Komintern desde a sua fundação em 1919 até à sua demissão por Estaline em 1926. Depois da morte de Lenine, Zinoviev e Kamenev fizeram um bloco com Estaline (a Troika) contra Trotsky e dominaram o Partido Comunista Soviético. No período da dominação de Zinoviev-Stalin no Komintern, uma linha oportunista conduziu a uma série de derrotas e oportunidades perdidas, a mais flagrante o não chamamento à Revolução na Alemanha em 1923. Depois de romper com Estaline, Zinoviev uniu os seus seguidores à Oposição de Esquerda de Trotsky. Mas em 1928, depois da expulsão do Partido da Oposição Unida, Zinoviev capitulou perante Estaline. Readmitido no Partido, foi expulso novamente em 1932. Depois de renegar a todos os pontos de vista críticos foi outra vez readmitido, mas em 1934 foi expulso e preso. “Confessou” no primeiro Grande Julgamento de Moscovo em 1936 e foi executado.

<sup>xii</sup> A Frente de Ferro: um bloco entre vários grandes sindicatos e grupos burgueses “republicanos” com pouco ou nenhum prestígio entre as massas. Foi criada pelos social-democratas nos finais de 1931. Grupos de combate, chamados “Punho de Ferro”, foram organizados dentro dos sindicatos e clubes desportivos operários foram trazidos para a Frente. No entanto, nas suas primeiras paradas e manifestações, milhares de operários ergueram os seus punhos, gritaram “Liberdade!” e juraram defender a democracia. As massas do Partido Social Democrata e dos sindicatos julgavam realmente que esta organização seria usada para parar Hitler. Não foi.

### <sup>xiii</sup> **Reichswehr - Exército alemão**

<sup>xiv</sup> Heinrich Brüning foi chanceler de 1930 a 1932. Os governos parlamentares regulares na Alemanha acabaram em Março de 1930. Foram seguidos por uma série de regimes bonapartistas - Brüning, von Papen, von Schleicher, isto é, chanceleres governando não pelos procedimentos normais mas por decretos de “emergência”.

Estas figuras bonapartistas consideravam-se a si próprios como salvadores políticos necessários para tirar o país da crise, e por isso, acima das classes e dos partidos. Dependiam não do velho sistema partidos da burguesia mas tinham sob o seu comando a polícia, o exército e a burocracia governamental.. Pretendendo salvar a nação dos perigos quer da esquerda (socialistas e comunistas) e a direita (fascistas) desferiam os seus mais fortes golpes à esquerda, uma vez que o seu interesse principal era defender o capitalismo.

<sup>xv</sup> 4 de Agosto de 1914: Colapso da IIª Internacional. Os representantes do Partido Social-Democrata Alemão ao Reichstag (Parlamento) votaram o orçamento de guerra do governo imperialista. No mesmo dia, os representantes do Partido Socialista Francês faziam o mesmo na Chambre des Deputies (Câmara de Deputados)

<sup>xvi</sup> Joseph Pilsudsky (1876-1935): Originariamente um socialista com perspectivas nacionalistas, em 1920 conduziu as forças anti-soviéticas na Polónia; em 1926 liderou um golpe de estado e estabeleceu uma ditadura fascista.

<sup>xvii</sup> Warski: Amigo de Rosa Luxemburg, apoio as suas divergências com os bolcheviques. Quando o Komintern zigzageou para esquerda no seu “Terceiro Período”, Warski foi destituído da direcção do Partido Comunista Polaco mas não foi expulso. Desapareceu na URSS durante a grande purga de 1936-38.

<sup>xviii</sup> Rosa Luxemburg (1870-1919): Grande dirigente e teórica revolucionária. Inicialmente activa no movimento socialista na terra de origem, a Polónia, tornou-se mais tarde uma dirigente da ala esquerda do Partido Social-Democrata Alemão. Com Karl Liebknecht, foi presa por se opor à I Grande Guerra Mundial. Depois da sua libertação fundou a Liga Spartacus. Ambos foram presos e assassinados durante a falhada revolução de 1919.

---

<sup>xix</sup> Gaston Doumergue, primeiro ministro bonapartismo de França. Sucedeu a Edourd Daladier. O governo de Daladier caiu depois dos tumultos fascistas de 6 de Fevereiro de 1934.

<sup>xx</sup> “ O terceiro Período” : de acordo com o esquema Estalinista, era o “período final do capitalismo”, o período da sua imediata destruição e substituição por soviets. O período é marcado pelas táticas comunistas ultra-esquerdistas e aventureiras e pelo notável conceito de social-fascismo.

<sup>xxi</sup> Pierre Renaudel (1871-1935) - Antes da Primeira Guerra Mundial era o braço direito do dirigente socialista Jean Jaures e editor do “L’Humanité”. Durante a guerra um social patriota de direita. Em 1930, juntamente com Marcel Deat dirigiu a tendência “revisionista” neo-socialista. Derrotado por votação na Convenção Socialista de Julho de 1931, a sua tendência saiu do Partido Socialista. Depois dos tumultos fascistas de 6 de Fevereiro de 1934, muitos dos “neos” juntaram-se ao Partido Radical, o principal partido do capitalismo francês.

<sup>xxii</sup> *Coup d’etat*- golpe de estado, em francês no original